

DESVENDANDO O ÍNTIMO ESPAÇO DA MODA DE NOVA FRIBURGO E REGIÃO

Aluno: Antero Vinicius Portela F. Pinto

Orientador: Regina Célia de Mattos

Introdução

Esse período foi dedicado quase exclusivamente a leituras e pesquisa de dados secundários disponíveis e significantes para a compreensão do papel do trabalho em domicílio, uma das múltiplas formas de trabalho informal, na construção das subjetividades das atividades do trabalho do lar, no espaço da reprodução da força de trabalho e da mercadoria “moda íntima”. Os trabalhos de campo sempre são problemáticos, diante da forte presença do trabalho informal, clandestino, o que limita o recolhimento de informações. Acreditamos que a partir deste semestre de 2010, tenhamos mais possibilidades de acesso devido à participação de uma aluna do nosso Mestrado em Geografia que tem como objeto e propósitos de pesquisa os mesmos deste nosso projeto. Como professor-orientador, apostamos nos seus contatos pessoais, fruto de relações de parentesco, portanto, uma possível relação de confiança para nos aproximarmos do contexto relacional que tece o trabalho em domicílio da costura junto com o trabalho doméstico, do cuidar da casa em nosso objeto espacial de pesquisa.

Como já reconhecido, o trabalho em domicílio da costura é realizado através de “tarefas” estabelecidas por quem fornece o material de montagem da confecção “moda íntima”, sendo essa mercadoria apropriada pelo mesmo “fornecedor” do serviço ou por terceiros. As atividades terciárias intensificaram-se, e particularmente pelo processo de terceirização. Em nosso país, esse setor sempre foi muito dimensionado devido às condições socioeconômicas que alijam do mercado formal uma imensa parcela da população que se vê obrigada a utilizar expedientes de sobrevivência extremamente precários, de baixa remuneração [6;7]. Camelôs, biscateiros, lavadores de carros, flanelinhas, costureiras a domicílio, dentre outras, embora reconhecidas como atividades “improdutivas”, possuem importante papel no processo geral de acumulação, já que seu baixo custo de reprodução significa manter baixos custos de reprodução da força de trabalho: os salários [10].

O trabalho de costura, em domicílio (predominante em nosso objeto espacial), sempre representou importante papel na reprodução da família, pois significa “reparar” a peça de roupa,

baratear essa necessidade básica, e, ao mesmo tempo, uma importante complementação da renda familiar. Visto como uma forma pré-industrial, portanto, arcaica de trabalho, adquire, hoje, novas roupagens. Por outro lado, as novas tecnologias permitem que as relações de trabalho não estejam confinadas em um mesmo lugar, que se realize no domicílio, como ocorre nas atividades ligadas à informática, telemática ou na geração de produtos sofisticados. A sua reprodução atualizada requer novas demandas de qualificação, uma boa infra-estrutura domiciliar e capacidade de iniciativas que configuram um quadro aparentemente de melhores remunerações e maior autonomia do trabalho “sem patrão”. O trabalho em domicílio, quando integrado às tecnologias informatizadas, possui maior fluidez espacial devido aos fluxos de informação que o colocam diretamente em múltiplos “espaços”, para além do domicílio. Em que múltiplos espaços se organiza o trabalho informal a domicílio da costura?

Objetivos

As formas de trabalho identificadas como mais tradicionais que permanecem na residência, integram as atividades do cotidiano já que ele é realizado, predominantemente, por mulheres que cuidam do lar, dos filhos e do trabalho, portanto, um espaço mais restrito, com múltiplos usos, integrados na mesma escala: a casa. É assim que se organiza o espaço produtivo de moda íntima do bairro de Olaria, da cidade de Friburgo, no município de Nova Friburgo, nosso objeto espacial de análise que revelou uma organização do trabalho sem muito interesse de investigação em nosso campo científico.

A feminização do trabalho é uma realidade e tema constante de pesquisas, entretanto, o trabalho doméstico realizado dentro do lar, articulado com o trabalho em domicílio, não tem merecido a atenção devida diante da importância que representa tanto na reprodução da vida, da força de trabalho, como na produção, geração de renda que garante, mesmo precariamente, as condições da própria reprodução. Nesse sentido, nossa análise objetiva, através do trabalho em domicílio, articulado com o doméstico, do “lar”, interpretar o arranjo produtivo de nosso objeto espacial, o bairro de Olaria. O município de Friburgo concentra a produção de moda íntima da região que é considerada a maior do país. Sua expansão ocorreu a partir dos anos de 1980 quando indústrias foram fechadas, desempregando grande parcela do operariado local. A saída para muitas famílias sobreviverem foi produzir moda íntima, domesticamente, sendo o trabalho em domicílio, portanto, um dos conteúdos da forma que esse espaço hoje possui.

Metodologia:

Partindo do pressuposto que o processo de desenvolvimento capitalista organicamente articula a denominada economia formal, circuito superior, com a informal, circuito inferior [12], nossa pesquisa tem demonstrado que o arranjo produtivo do bairro de Olaria, predominantemente organizado pelo trabalho informal, em domicílio, articula-se com a esfera da produção e circuitos formais, organizando o espaço concebido “Pólo de Moda Íntima de Nova Friburgo e Região”. O arranjo espacial do bairro de Olaria possui duas escalas de produção: a das indústrias formais e das informais [11]. As indústrias formais são aquelas denominadas de lojas-fábrica, na medida em que indicam que a produção está nos fundos ou no sobrado da loja. As informais estão distribuídas pelas casas do bairro que tanto têm fabricação “própria” como, também, a produção terceirizada. O trabalho em domicílio, predominantemente feminino, permite a articulação do espaço da vida, da reprodução, e o do trabalho, da produção, territorialidades integradoras desse híbrido espaço. Embora prevaleçam as relações de vizinhança e de parentesco na arregimentação do trabalho, permanecem precárias as suas condições, ocorrendo diferentes formas de exploração

nessas relações: nos baixos níveis de renda e nas condições de trabalho e ser condicionado e condicionar as tarefas domésticas.

Historicamente, as tarefas domésticas eram executadas, no âmbito da unidade familiar, paralelamente a outras atividades ligadas diretamente à produção social [1]. O processo de industrialização rompeu essa unidade, constituindo o espaço do trabalho doméstico, o espaço privado do lar, e do espaço público, do mercado. Estudos têm mostrado a persistência dessa divisão que atribui aos homens atividades geradoras de renda desenvolvidas no espaço público, e às mulheres, as tarefas reprodutivas, isto é, cuidados com o bem-estar físico da família e criação dos filhos. Por outro lado, estudos também indicam [13] que tem aumentado na União Européia, embora timidamente, a participação masculina nos afazeres domésticos.

No Brasil, o acelerado processo de urbanização, a crescente participação das mulheres no mercado de trabalho, o aumento da escolaridade feminina e a queda da taxa da fecundidade ocorridos nas últimas décadas, promoveram mudanças que não mais designam os homens como principais provedores de recursos para a família, aumentando a jornada de trabalho das mulheres que vivenciam o espaço privado, da reprodução, e o público, do trabalho.

Em 2001, o Núcleo de Opinião Pública da Fundação Perseu Abramo [13] pesquisou “A mulher brasileira nos espaços públicos e privados”, indicando perfis sociodemográficos da mulher brasileira bastante desiguais sejam regionais, de cor ou classes sociais. Considerando os dados pertinentes aos nossos interesses, pouco mais da metade das brasileiras, 53%, pertencem à PEA, sendo que 41% estavam fazendo algum trabalho remunerado e 12% desempregadas. Das mulheres produtivas, 59% estavam fora da PEA, 31% já havia trabalhado com alguma remuneração, enquanto 17% nunca haviam participado do mercado de trabalho. A precariedade do trabalho fica demonstrada quando dos 41% daquelas que faziam algum trabalho remunerado, 57% estavam no mercado informal seja como autônomas irregulares ou assalariadas sem registro profissional.

Esses últimos dados nos aproximam do nosso objeto de estudo. Os agentes públicos e privados organizadores do Pólo de Moda Íntima de Nova Friburgo e Região reconhecem que mais da metade das confecções são informais. Grande parte dessa informalidade pode ser considerada ilegal devido às relações reconhecidas como assalariadas sem registro profissional. Um dos objetivos do arranjo produtivo é modificar esse perfil de informalidade, propiciando condições de qualificação de mão-de-obra, mudanças tecnológicas, escalas de produção, dentre outras.

Em 2002 o arranjo produtivo teve implementada a Plataforma Tecnológica da Cadeira Produtiva de Moda Íntima de Nova Friburgo, sediada no Instituto Politécnico da UERJ, com fins de superar os gargalos tecnológicos e modernizar a cadeia produtiva. Em 2004, através do Ministério de Ciência e Tecnologia obteve recursos para implantar um Centro de Formação Profissional e Transferência de Tecnologia para a Indústria do Vestuário da cidade de Nova Friburgo para promover a capacitação profissional. Ainda em 2004, foi lançado o Programa Inserção de Municípios no Comércio Internacional – ExportaCidade Nova Friburgo desenvolvido pela Secretaria do Comércio Exterior (SECEX) do Ministério da Indústria, Desenvolvimento e Comércio Exterior com objetivo de incrementar a competitividade exportadora dos municípios. Tais iniciativas foram financiadas pelo BNDES, Banco Mundial, FIRJAN/SEBRAE, capitais públicos e privados interessados em articular o espaço produtivo do Pólo à escala do comércio mundial [8].

A articulação dos setores formais e informais da economia no processo de acumulação demonstrando sua organicidade é analisada por [12], contrariamente às teses que reconhecem o setor informal como empecilho a essa lógica. Nossa área de pesquisa confirma a articulação desses dois setores quando é reconhecida a forte presença de empresas informais, sem ser revelado, entretanto, que por detrás da “empresa informal” está a informalidade do trabalho da costura que de fato propicia ser o Pólo, o principal produtor de moda íntima do país.

O município principal do Pólo, Nova Friburgo, possuía em 2008, de acordo com a Fundação CIDE [5], uma população de 173.418 habitantes. Dados da RAIS de 2007 [4] indicavam que Nova Friburgo possuía 9176 estabelecimentos formais. Desse total, 8589 eram de micros empresas, correspondendo a 93,6% do total. Das 1925 indústrias, 867 eram de confecção de roupas íntimas, e dos 3881 estabelecimentos comerciais, 695 eram de varejistas de artigos do vestuário e acessórios. Os dados socioeconômicos municipais não relacionam a ocupação da mão-de-obra, e nos parece compreensível: como contabilizar o trabalho informal da costura em domicílio no espaço privado da reprodução?

Conclusões Preliminares

Em nosso relatório de 2009, colocamo-nos as seguintes questões, dentre outras, para nortear nossas preocupações: é o espaço do trabalho em domicílio um espaço da produção? Será o espaço da reprodução, um lugar? O lar, a casa, ao se constituir fronteira do cotidiano e da produção de mercadorias é lugar e espaço ao mesmo tempo, dependendo do uso das práticas sociais? Por outro lado, o trabalho doméstico ao se constituir espaço da reprodução da família, é, também, ao mesmo tempo, espaço da produção já que é o lugar que garante a formação da força de trabalho para o trabalho?

O trabalho em domicílio é predominantemente feminino e compartilha o mesmo espaço com o trabalho dos afazeres domésticos, o “cuidar da casa”. Ambos invisíveis são pouco reconhecidos como condições de reprodução societal. A ruptura do espaço da reprodução familiar e do trabalho ocorreu com a dissolução de antigas formas de controle sociometabólico, mediações de ordem primária ou de primeira ordem [9], caracterizadas por um elevado grau de autosuficiência no que toca à produção material e ao seu controle. Sua progressiva dissolução, a liberação da subjetividade e objetividade da autosuficiência, isto é, produção e consumo diretos de valores de uso, ampliaram cada vez mais as condições reprodutivas, desenhando o avanço do controle do capital sobre a produção de valores de uso que, para realizar-se, separou a unidade doméstica da unidade de produção. Essa divisão proporcionou uma divisão sexual do trabalho, na qual a mulher se tornou a responsável, no âmbito do lar, do espaço privado, pela reprodução da força de trabalho, e o homem, o provedor do lar através de atividades produtivas geradoras de renda fora do “lar”, no espaço público.

De acordo com [3] e [2], desde a década de 1970 estudos têm sido realizados sobre a importância do trabalho doméstico na reprodução social. O ano de 1975, considerado o Ano Internacional da Mulher, é um marco para o crescimento do interesse e pesquisas sobre as condições de vida e trabalho da mulher. As primeiras investigações objetivaram revelar as condições, situações e posições das mulheres sob um olhar descritivo reificador de sua subordinação. Ainda e acordo com as autoras, desde a década de 1970 estudos têm sido realizados sobre a importância do trabalho doméstico na reprodução social. O ano de 1975, considerado o Ano Internacional da Mulher, é um marco para o crescimento do interesse e

pesquisas sobre as condições de vida e trabalho da mulher. As primeiras investigações objetivaram revelar as condições, situações e posições das mulheres sob um olhar descritivo reificador de sua subordinação.

Múltiplas explicações para a divisão sexual do trabalho são analisadas por [3], pois “as categorias relacionadas ao sexo aparecem e desaparecem com o modo como, por exemplo, o trabalho e a produção são conceitualizados...”(p.279). Nesse sentido, reconhece dois divergentes campos teóricos sociológicos da divisão sexual do trabalho: a conceitualização em termos de “vínculo social” que tem a complementaridade, a divisão de papéis, a parceria e a solidariedade orgânica, como alguns de seus fundamentos conceituais e uma outra perspectiva embasada em uma teoria geral das relações sociais que tem a divisão do trabalho, a contradição, a opressão e o poder como exemplos de seus norteadores conteúdos analíticos.

Quanto ao campo de análise que privilegia a divisão sexual do trabalho em termos de “vínculo social”, [3] também afirma que a idéia de complementaridade entre homens e mulheres leva a um modelo onde não só estabelece a especialização dos papéis sexuais assim como os laços de conciliação entre as atividades familiares e profissionais, buscando uma igualdade de oportunidades entre homens e mulheres, não reconhecendo que as relações sociais são hierarquizadas, portanto, desiguais entre homens e mulheres. É justamente nos antagonismos e conflitos decorrentes dessa hierarquia estruturante que a conceitualização da divisão sexual em termos da relação social delimita seu campo de ação.

É reconhecido o veloz aumento da participação do trabalho feminino no espaço público, o que indica possibilidades de construção de identidades pessoais e coletivas não apenas exclusivamente forjadas no âmbito familiar, favorecendo um potencial emancipatório, embora o núcleo da família patriarcal continue sendo o paradigma das relações de trabalho. A maior participação da mulher é acompanhada pelo movimento metabólico do capital que complexifica o denominado mundo do trabalho, afetando seu mundo simbólico. O trabalho em domicílio, subjugado ao valor de troca, poderia tornar o lar, a casa, um espaço propiciador do trabalho concreto, de emancipação, entretanto, subjugado ao valor de troca, se constitui em espaço de confinamento, prisional das possibilidades de resgatar o sujeito construtor de seu caminho, de sua liberdade.

Os desafios da pesquisa continuam: revelar a orgânica relação entre espaço privado da reprodução, do cuidar do lar e da produção da costura da moda íntima, articulada pelo trabalho feminino. Chamamos a atenção de que estudos elaborados sobre o Pólo convergiram para constatação da pouca capacidade gerencial e profissional das confecções, portanto, dos limites de inovar métodos e gestão produtivos. As iniciativas promovidas pelo capital público e privado são no sentido de reverter esse quadro de dificuldades das empresas que possam arcar com os custos da “modernização”. A modernização, ou melhor, a (re)articulação de dimensões estruturais do metabolismo do capital, é um processo seletivo devido à sua natureza concentradora, portanto, não é para todos, mas todos fazem parte dessa lógica expansionista, como os micros e pequenos negócios e o trabalho a domicílio, supostamente inconciliáveis com as mais sofisticadas tecnologias.

REFERÊNCIAS

- 1 - BRUSCHINI, Maria Cristina A.; LOMBARDI, Maria Rosa; UNBEHAUM, Sandra; RICOLDI, Arlene Martinez; MERCADO, Cristiano Miglioranza. **Articulação trabalho e família: famílias urbanas de baixa renda e políticas de apoio às trabalhadoras**. São Paulo: FCC/DPE, 2008.
- 2- BRUSCHINI, M. C. e RICOLE, A. **Articulação trabalho x família: famílias urbanas de baixa renda e políticas de apoio às trabalhadoras**. São Paulo: FCC/DPE, 2008, 147 p.
- 3 - HIRATA, H. **Nova divisão sexual do trabalho: um olhar voltado para a empresa e a sociedade**. Campinas,SP: Boitempo Editorial, 2002.
- 4 – BRASIL, MTE. **Relatório Anual de Informes Sociais**, Brasília, 2007. Disponível em: www.mte.gov.br. Acesso em: 18/3/2010.
- 5 – CENTRO DE INFORMAÇÕES E DADOS DO RJ – Fundação CIDE. **Anuário Estatístico do Estado do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: www.cide.rj.gov.br. Acesso em: 18/3/2010.
- 6 - LAVINAS, Lena; SORJ, Bila; LINHARES, Leila e JORGE, Ângela. Emprego: questões em desenvolvimento. **Documento de discussão 30**, 1998, 44 p.
- 7 - LAVINAS, Lena; SORJ, Bila; LINHARES, Leila e JORGE, Ângela. Trabalho a domicílio: novas formas de contratualidade. **Textos para discussão nº 717**, IPEA, 2000, 48 pp.
- 8 - MATTOS, R. C. de. **Desvendando o íntimo espaço da moda**. Tese (Doutorado). Niterói, RJ: Departamento de Geografia, Universidade Federal Fluminense, 2005.
- 9 - MÉSZÁROS, I. **Para além do capital**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2002.
- 10 - OLIVEIRA, Francisco de. **A economia brasileira: crítica à razão dualista**. São Paulo: Editora Brasiliense, Seleções CEBRAP 1, 1975.
- 11 -PROJETO “CENSO DA INDÚSTRIA TÊXTIL E DE CONFECÇÕES DE NOVA FRIBURGO”. **Sumário Executivo**, Instituto de Economia da UFRJ e SEBRAE/RJ, Março de 2004.
- 12 - SANTOS, Milton. **O espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos**. 2ª edição. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.
- 13 - VENTURI, Gustavo e RECAMÀN, Marisol. As mulheres brasileiras no início do século XXI. In: VENTURI, Gustavo, RECAMÀN, Marisol e OLIVEIRA, Suely de. **A mulher brasileira nos espaços público e privado**. Fundação Perseu Abramo, 2005, p. 15-29.